

RESUMO:

O presente artigo busca trazer uma discussão sobre algumas obras de Murilo Mendes, reunidas no livro *Transistor: antologia em prosa*, publicado em 1980, cinco anos após a sua morte, trazendo à tona a questão da transculturação. Desta forma, a busca é perceber nesta obra do autor a mescla da realidade social e política com a religião e com os misticismos característicos de certas regiões brasileiras e de outros países numa visão filosófica, partindo da interiorização para o exterior.

PALAVRAS-CHAVE: Murilo Mendes, literatura, sociedade, política, Minas Gerais.

O presente artigo busca trazer uma discussão sobre algumas obras de Murilo Mendes, reunidas no livro *Transistor: antologia em prosa*, publicado em 1980, cinco anos após a sua morte, trazendo à tona a questão da transculturação.

Murilo Mendes (1901-1975) nasceu no dia 13 de maio em Juiz de Fora, Minas Gerais. Iniciou seus estudos em sua cidade, porém foi estudar no Internato do Colégio Salesiano em Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Aos 19 anos, mudou-se para a capital, onde, segundo Barbosa e Rodrigues (2000), fez parte do Segundo Tempo Modernista e participou do Movimento Antropofágico. Estreou na literatura ao escrever para as revistas *Terra Roxa e Outras Terras e Antropofagia*, ambas do modernismo.

Dez anos após sua mudança, em 1930, lançou seu primeiro livro intitulado *Poemas*. Seguindo o movimento da poesia nacional na geração de 30 que externava uma grande preocupação social, a poesia de Murilo Mendes buscou fazer uma análise sobre o destino do ser humano como um todo e em 1932 escreveu o poema *História do Brasil*. A partir de 1934, passou a se interessar por temas religiosos e,

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora

em uma parceria com Jorge de Lima, escreveu *Tempos e Eternidade*, publicado em 1935.

Além de escritor, Murilo exercia o cargo de telegrafista, depois passou a auxiliar de guarda-livros e, em 1936, assumiu o cargo de Inspetor Federal de Ensino. Escreveu *A Poesia em Pânico*, em 1938, e a prosa *O Discípulo de Emaús*, em 1944. Enquanto produzia seus textos continuava a galgar sua carreira profissional com muito êxito trabalhando no Ministério da Fazenda e no Cartório da 4ª Vara de Família.

Em 1948, escreveu *Janela do Caos*, após casar-se com Maria da Saudade de Cortesão. Em 1953, foi convidado para lecionar literatura brasileira em Lisboa e com isso teve a oportunidade de percorrer diversos países da Europa aproveitando para divulgar sua cultura natal. Estabeleceu-se em Roma no ano de 1957, onde lecionou Literatura Brasileira. Segundo PICCHIO (2000, p. 9):

Quando, nos primeiros dias de 1957, o poeta Murilo Mendes, com 56 de idade, chegou a Roma como professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade, trazia consigo, na sua aura, uma bagagem de anedotas, pessoais e literárias, que no Brasil já se tinham estruturado numa espécie de mitologia pessoal. Eram os episódios com que o próprio Murilo tinha lançado as bases de seu mito e com os quais grandes poetas como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade ou João Cabral de Melo Neto irão construir em seguida os poemas dedicados em vida e morte ao amigo.

Ao se estabelecer na Europa, Murilo Mendes, não abandonou sua cultura e suas raízes brasileiras, levou consigo toda referência de sua terra natal. Em sua obra *Idade do Serrote* o autor traz suas memórias retratando lugares e trazendo de volta pessoas de seu passado como no texto *Origem, memória, contacto, iniciação*:

O jardim-pomar da casa paterna, limite traçado ao meu incipiente saber. O sabor das frutas. A árvore da ciência do bem do mal ao alcance. Um esboço de serpente pronta a armar o bote. Outros jardins-pomares da casa de tias e primas. (MENDES, 1980, p.31)

Tais apontamentos sobre sua terra natal, muito recorrentes em suas obras, permitem que o autor mantenha sua identidade brasileira viva. Para Derrida (2013, p. 61) “o local onde jazem nossos antepassados situa nosso *ethos*, ele construiu a

chave que define o lar.” É onde se encontram as raízes que definem as origens da pessoa.

Além de lembranças das paisagens brasileiras, ele também fez diversos registros de personagens e manifestações típicas do Brasil, como no trecho do mesmo texto:

O circo. Amanajós. O quarto escuro. O canto do Magnificar. Ciranda cirandinha. O bicho-papão. A mula-sem-cabeça. Os nomes do demônio. As meninas. A roda do arco. Quindum-sererê.
Os primeiros carnavais. Os mascarados. Driblar a vigilância paterna. As batalhas de confete e lança-perfume. Começo da vida “autre”. (MENDES, 1980, p. 32)

Já em outras obras, o autor utiliza de suas experiências no velho continente como enredo de diversos de seus textos, como no caso de *Zamora* presente em *Espaço espanhol* (1966), que diz: “Eu conhecia a palavra Zamora há muitos anos: descobri-a num ciclo de canções do Romanesco espanhol que ilustra poeticamente, com seu realismo e sua precisão, a gesta da cidade castelhana.” (MENDES, 1980, p.305) Ou ainda em *Carta geográfica* (1965) no texto *Os dias de Londres* onde descreve seu trajeto nas ruas da cidade:

Atravesso de trem os subúrbios de Londres, metem-me até medo; uma torre horizontal mancha com pulmões de aço aberto. Paisagens-portas, paisagens janelas. Moles imensas de tijolos, escadarias, parapeitos, pontes, antros, homens de bronze, o compasso em pânico: uma série infinita de visões explodindo na realidade. [...] De repente sóis (ou girassóis?) de Tuner afundam-se nas águas oleosas do Tâmsa: Este é o território do carvão e da bruma célebres, oposto à linha mediterrânea que desde alguns anos confere a identidade. Uma potência bíblica desencadeando greves de estivadores, fazendo parar o porto movido pelos sindicatos, certo monstro escapado ao Livro de Jó, talvez de Melville, arbitrário povoa os espaços noturnos; seus dentes de ferro deglutem bandos de meninas distraídas, provocam a insônia da Scotland Yard. (Mendes, 1980, p. 267)

Encontramos também referências à França como em um de seus textos *Fragmentos de Paris* que traz a moda, arte e arquitetura apresentadas como características culturais e também econômicas do país:

Os costureiros fixam o corte espacial, vão além das fórmulas do nouveau roman.
Courrèges chefia esta nova linha “filosófica” da costura. Segundo uma revista feminina: Manet revolucionou a pintura, Le Corbusier a arquitetura, Courrèges a moda.

Sartre reside a dois passos de Saint-Germain dês Prés; não se falam. Culpa de quem? É pena: muitos santos são inconformistas, portadores há séculos da ideia comunitária, e polêmicos.

Mostrem-se duas linhas de certo livro, certa corrente de ar, certo declínio de vinho, certo molho, certo fragmento de saia, e eu lhes direi: De Paris. (Mendes, 1980, p. 277)

É nítida a presença de uma mistura de culturas nas obras de Murilo, sem abandonar a sua de berço, ele incorpora todos os experimentos adquiridos ao longo de sua vida. Ele se apropria de traços culturais dos locais onde passa, porém sem perder sua brasilidade. Essa mistura foi citada por SAID (1995, p. 275), onde afirma que:

A história de todas as culturas é a história dos empréstimos culturais. As culturas não são impermeáveis; [...] A cultura nunca é questão de propriedade, de emprestar e tomar emprestado com credores absolutos, mas antes de apropriações, experiências comuns, colaborações de todo tipo entre culturas diferentes.

Permeado de relatos culturais, Murilo Mendes publicou seu último livro, *Retratos-Relâmpagos* em 1973, dois anos antes de sua morte em Estoril, Portugal. Possuidor de uma grande variedade de estilos, ele transitou do modernismo ao surrealismo, passando pelo catolicismo e até mesmo pelo misticismo. Aproveitou sua estadia na Europa para percorrer um grande número de museus e galerias nesse continente. Amante das artes registrou seu percurso em seus textos, sempre mesclando culturas. Tornou-se um grande colecionador de obras de arte e formou um extenso acervo formado por diversos artistas ao longo de sua vida. Além de dessas obras, Murilo Mendes também colecionou culturas e crenças de diversas nacionalidades. Ele misturou culturas modificando sua escrita e sua identidade.

Esse processo de modificação, pelo qual Murilo Mendes passou, pode ser estudado a partir do conceito de transculturação. Encontramos na obra de AGUIAR e VASCONCELOS (2012, p. 87) que quando “duas culturas em situação de encontro ou confronto resultam modificadas, dando origem a algo novo, original e independente” ocorre um processo denominado por Ángel Rama de *transculturação*. Rama procurou substituir as correntes de aculturação e desculturação ao apontar para um jogo dialético entre culturas. Foi ele quem, em 1970, incorporou o termo

introduzido por Fernando Ortiz, um antropólogo cubano, aos estudos literários. Tal termo busca definir e explicar a colonização cultural da América Latina e como foi o processo de adaptação da tradição e costumes dos países europeus colonizadores. Rama utiliza o conceito de Ortiz da *transculturação* e o aplica à análise literária como base de sua reflexão teórica na estruturação narrativa. Esse movimento buscou evidenciar o trânsito de uma cultura para outra e como ambas se influenciaram.

Também Glissant, em 2005, na sua obra *Introdução a uma poética da diversidade*, defende, a partir de outro conceito, o da crioulização, a mistura de culturas. Segundo ele, em suas pesquisas sobre a colonização do Caribe, defende que pode ser definidos como algo novo, totalmente imprevisível, surgido por meio da combinação de elementos culturais completamente diferentes, distantes um do outro. Esses elementos se misturam, se confundem, dando origem a uma nova cultura, no caso dos seus estudos, a cultura crioula. Ao contrário do conceito de mestiçagem, cujos resultados poderiam ser presumidos, a crioulização é imprevisível. Por isso, Glissant ainda define a crioulização como sendo a mestiçagem complementada por um elemento diferente que é a imprevisibilidade.

Ao buscar a transculturação nas obras de Murilo Mendes observa-se que o mesmo está presente em quase todos os seus registros ao encontrarmos registros e memórias de culturas de povos colonizados e colonizadores. Sem perder suas origens traz a tradição brasileira repleta de interferências europeias. Um bom exemplo disso está no texto *Chaves para a festa do natal* do livro de prosas *Conversa portátil* (1931-74). O texto traz uma mistura cultural explícita. Em uma passagem se pode observar que a religiosidade do autor se apresenta em meio aos fatos históricos específicos da década de 1970 como a guerra fria, na sociedade socialista soviética e no capitalismo, assim como a outros acontecimentos históricos de tempos mais remotos. Percebe-se a mescla da realidade social e política com a religião e com os misticismos característicos de certas regiões brasileiras e de outros países numa visão filosófica, partindo da interiorização para o exterior. Como no recorte feito em seu texto *Chaves para a festa do natal*, a seguir:

Natal é ver a glória divina, traduzida pela palavra da paz entre os homens. É ver a superação dos instintos primitivos, o texto do homem novo renunciado pelos gregos, definido, a custo do seu sangue, por São Paulo, completado pela ciência; é ver a liquidação da fome, a esfera do governo mundial cooperativo, o desarmamento da força bruta, o território da sociedade sem classes, o arquivo da bomba, as colunas da civilização futura, o re-nascimento ecumênico da paz; é curtir o sex-appeal da eternidade (MENDES, 1980, p. 411)

Aqui fica clara a presença da crítica e o questionamento anti-imperialista é a formação de imaginários baseados em essências culturais, que na verdade reproduzem as características binárias e excludentes do pensamento imperialista. Para Said, povos colonizados, como o Brasil, possuem, fundamentalmente, em sua formação um passado estético enraizado na civilização europeia ocidental:

“[...] há a possibilidade de um universalismo que não seja limitado e coercitivo na crença de que um povo tem uma única identidade [...] e mais importante, superar o nativismo não significa abandonar a nacionalidade, e sim pensar a identidade local como algo que não esgota a identidade do indivíduo ou do povo. (SAID, 1995, p. 289)

O importante, portanto, é a crítica da imaginação política de fronteiras rígidas, que se contrapõem a coexistências e à multiculturalidade que necessariamente envolvem as sociedades, principalmente na contemporaneidade. Tendo em conta tal multiculturalidade, as questões da identidade nacional e das representações imperialistas se tornam problemáticas, sendo papel do intelectual mostrar que as fronteiras não refletem entidade natural ou divina, mas um objeto construído, fabricado e por vezes inventado.

Transculturation in Murilo Mendes

ABSTRACT:

This article seeks to bring a discussion of some works of Murilo Mendes, Transistor gathered in the book: in prose anthology, published in 1980, five years after his death, bringing up the question of transculturation. Thus, the search is realizing this author's work merges the social and political reality with religion and mysticism characteristic of certain Brazilian and other countries in a philosophical view regions, starting from the internalization abroad.

Keywords: Murilo Mendes, literature, society, politics, Minas Gerais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini. *O conceito de Transculturação na obra de Angel Rama*. In: Abdala Jr., B. (org.) *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

BARBOSA, Leila Maria F., RODRIGUES, Marisa T.P. *A trama poética de Murilo Mendes* Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

DERRIDA, Jacques *Da hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Editora Escuta, Stanford UP, 2003.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce C. A. Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

MENDES, Murilo. *Transistor: antologia em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Introdução: à guisa do prefácio. In:_____ *A trama poética de Murilo Mendes*. BARBOSA, Leila M. F. e RODRIGUES, Marisa T. P. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

SAID. Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VIEIRA, Else. *Poetas à deriva: primeira antologia da poesia da diáspora brasileira*. Belo Horizonte: Maza, 2013.